



ELEIÇÕES

Medidas para contornar rejeição feminina

Bolsonaro anuncia "pacote de bondades" voltado às mulheres, na tentativa de reverter a baixa popularidade nesse público. Entre as políticas públicas, está a distribuição gratuita de absorventes, que tinha sido vetada pelo presidente em outubro

» ROSANA HESSEL
» INGRID SOARES

Diante da elevada rejeição entre o público feminino, que aumentou após o veto à distribuição gratuita de absorventes a mulheres carentes — prevista na proposta original da Lei 14.214, sancionada em outubro passado —, o presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou atrás e assinou, ontem, um decreto garantindo o repasse do item à população vulnerável. A medida faz parte do "pacote de bondades" que o governo anunciou em cerimônia no Planalto alusiva ao Dia da Mulher. No evento, o chefe do Executivo também afirmou que "as mulheres estão praticamente integradas à sociedade".

De acordo com especialistas e integrantes da bancada feminina, o decreto dos absorventes é eleitoreiro e não deve reduzir a desaprovação do governo junto às eleitoras, muito menos evitar o constrangimento da derrubada do veto sobre o tema, prevista para ocorrer no plenário do Congresso amanhã.

O decreto presidencial regulamenta a Lei nº 14.214, instituindo o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual, que já está em vigor, mas tem uma série de vetos de Bolsonaro. Na época, ele ironizou o programa, classificando-o como "Auxílio Modest" e frisou que "mulher começou a menstruar no meu governo".

Segundo o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, com o decreto, a pasta destinará R\$ 130 milhões para a distribuição de absorventes. O valor é superior aos R\$ 80 milhões estimados no PL 4.968/2019, da deputada Marília Arraes (PT-PE), que criava o programa. A expectativa de técnicos do ministério é de beneficiar 3,6 milhões de mulheres dos grupos vulneráveis.

Parlamentares afirmaram que o decreto não deve mudar o movimento para a derrubada dos vetos à lei dos absorventes. "A atitude de editar um decreto é, além de puramente eleitoreiro, um desrespeito ao Parlamento brasileiro", afirmou a deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ). Ela destacou que o PL tinha um público-alvo definido e previa a inclusão do absorvente na cesta básica. "Vamos derrubar o veto, porque uma lei vale mais do que um decreto", acrescentou.

A deputada Marília Arraes também classificou a medida do Executivo como eleitoreira. "O decreto é diferente da lei e tem a intenção de precarizar uma política pública que está sendo instituída por meio da lei. Além disso, o presidente tenta minimizar a luta das mulheres, de tantos anos, que ele próprio ridiculariza", afirmou.

No evento no Planalto, Bolsonaro tentou fazer um discurso ameno, abraçou uma senhora vítima de escarpelamento, meio constrangido, e colocou uma gravata rosa, mas analistas acreditam que ele não deve recuperar a popularidade entre o público feminino, em que a rejeição ao presidente passa dos 60%.

"Acho pouco provável que Bolsonaro consiga reverter a avaliação negativa que a maioria dos institutos de pesquisa está mostrando em relação à intenção de voto das mulheres para a Presidência da República. Mesmo nas eleições de 2018, vimos que ele tinha uma dificuldade maior para conseguir o voto feminino", destacou o cientista político Lucas Fernandes, coordenador de análise política da BMJ Consultores Associados. Segundo ele, as falas do presidente, que podem ser lidas como preconceituosas (**leia Memória**), têm ajudado no aumento da rejeição do presidente.

Sergio Lima / AFP



No evento, Bolsonaro disse que "as mulheres estão praticamente integradas à sociedade"

Proteção

Como parte do pacote de bondades, Bolsonaro sancionou um projeto que determina que as medidas protetivas de urgência sejam, após sua concessão, imediatamente registradas em banco de dados mantido e regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça.

Outro item do pacote foi o decreto que institui a Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino. De acordo com o Ministério da Economia, a medida tem potencial de impactar diretamente e imediatamente as mulheres, beneficiando as que já empreendem e que vão receber maior capacitação e apoio financeiro, por meio de cursos e crédito para

seu negócio. Contudo, o programa não foi bem detalhado no evento. Não foi informado o volume de financiamento disponível nos bancos públicos nem quanto as taxas de juros serão mais baratas do que as praticadas no mercado.

O presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, por sua vez, disse que o banco criou um pacote com redução de taxas para empréstimos às mulheres durante o mês de março. Ele também anunciou parceria com o banco Grameen Bank para concessão do microcrédito via aplicativo Caixa Tem.

Na contramão, Bolsonaro também sancionou o projeto de lei que regulamenta o retorno da gestante ao trabalho presencial. (**leia mais na página 18**).

» Apenas três ministras

Na cerimônia, o presidente Jair Bolsonaro repetiu uma fala da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, de que a participação das mulheres no governo é maior do que em gestões anteriores. Ao considerar o segundo e o terceiro escalões, o número esconde o fato de que apenas três dos 23 ministérios são chefiados por mulheres. Além de Damares, são ministras Flávia Arruda (Secretaria de governo) e Tereza Cristina (Agricultura).

Memória

Histórico de frases machistas

O presidente Jair Bolsonaro tem um histórico de declarações machistas. Ele já afirmou, por exemplo, que sua filha Laura foi uma "fraquejada" após ser pai de quatro filhos homens. No fim do ano passado, foi filmado dançando uma paródia de funk que comparava mulheres de esquerda a cadelas e oferecia a feministas "ração na tigela". Em 2020, ele insultou a repórter da Folha de S.Paulo Patrícia Campos Mello em conversa com apoiadores. "Ela (jornalista) queria um furo. Ela queria dar o furo (risos dele e dos demais)". Neste ano, disse ter dado um bom dia "mais do que especial" à primeira-dama Michelle em plena cerimônia oficial no Palácio do Planalto. Enquanto era deputado federal, em 2014, Bolsonaro afirmou, em discurso no plenário da Câmara, que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) "não merecia ser estuprada porque é muito feia". Foi condenado a pagar indenização e a publicar um pedido de desculpas, em 2019. Em 2016, declarou que mulheres deveriam ganhar menos do que os homens no trabalho porque engravidam. "Eu não empregaria (homens e mulheres) com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente", afirmou, em entrevista.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

As opções de Doria diante do próprio fracasso pré-eleitoral

Avança uma conspiração surda na bancada paulista do PSDB para que o governador de São Paulo, João Doria, jogue a toalha e desista de ser candidato. As conversas entre paulistas e tucanos dissidentes, que querem pôr o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, no lugar de Doria, têm conexões com os aliados do Cidadania, que aprovou uma federação com os tucanos, e antigos líderes do União Brasil, que se afastaram de Doria por causa da filiação do vice-governador Rodrigo Garcia (ex-DEM) ao PSDB.

A terra se move sob os pés de Doria porque as pesquisas mostram que sua rejeição é a mais alta entre todos os candidatos e sua candidatura não encorpa nem mesmo em São Paulo. Os tucanos paulistas estão chegando à conclusão de que a insistência de Doria com a candidatura pode resultar na derrota de Rodrigo Garcia — que assumirá o governo de São Paulo e concorrerá à eleição — para o ex-prefeito paulista Fernando Haddad. A consolidação do nome do ex-governador Geraldo Alckmin como vice na chapa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo PSB sinaliza que o conflito com o

ex-governador Márcio França está sendo resolvido.

Esse acordo acendeu a luz vermelha na base de Garcia. Os temores dos tucanos paulistas de que ocorra um desastre eleitoral em São Paulo sinalizaram para os aliados de Eduardo Leite que Doria é um animal ferido. Seria uma questão de tempo o governador paulista virar comida de onça, principalmente depois que deixasse o Palácio dos Bandeirantes, em 2 de abril. Desafeto figadal de Doria, o deputado Aécio Neves (MG) é um dos que estão empenhados em manter Eduardo Leite na legenda, em razão desse cenário.

Como diria um velho político gaúcho, Eduardo Leite está costando o alambardo. Convidado pelo ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, está com um pé no PSD, no qual teria garantida a vaga para disputar a Presidência da República. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), pré-candidato do PSD, nunca assumiu para valer o desejo de disputar a Presidência da República. Com a mudança de legislação, o senador mineiro tem condições de permanecer no comando da Casa, sem ter de disputar a reeleição neste ano.

DORIA SE PAUTA PELA RACIONALIDADE. NÃO SE PODE DESCARTAR A POSSIBILIDADE DE DESISTIR DA CANDIDATURA, MAS DIFICILMENTE O FARÁ COMO DERROTADO POR UMA CONSPIRAÇÃO

A dificuldade de Leite é escolher entre uma candidatura à Presidência garantida por Kassab e a mera expectativa de desistência de Doria. A escolha precisa ser feita até 2 de abril, o fim do prazo da janela para troca de partidos. A terceira opção é concorrer à reeleição ao governo do Rio Grande do Sul.

Resiliência

A desistência de Doria, em razão de sua oposição interna, porém, não é a hipótese mais provável, porque essa é uma situação com a qual já lidou duas vezes: na disputa pela Prefeitura de São Paulo e, também, pelo Palácio dos Bandeirantes. Nas duas situações, apostou em amplas alianças e no marketing político, vencendo as eleições por

seu desempenho na campanha. Doria apostou na agenda liberal e no discurso direto para a sociedade, trazendo a reboque os políticos recalitrantes. Por que agora agiria diferente?

O que pode virar a mesa é o fato de que, desta vez, Doria não consegue ampliar suas alianças. A federação do PSDB com o Cidadania saiu a fórceps, provocando muita resistência interna, estados importantes eleitoralmente, além da saída do governador da Paraíba, João Azevedo, que migrou para o PSB, e da senadora Leila do Vôlei, que pretende se candidatar ao governo do Distrito Federal, agora pelo PDT. A cúpula da legenda torce pela candidatura de Leite para acomodar os descontentes. A federação está sendo feita muito mais em nível de partidos do que em

torno de sua candidatura. O senador Alessandro Vieira (SE) manteve-se, até agora, como pré-candidato, embora tenha boas relações com Doria.

Apesar de ser um homem obstinado e resiliente, Doria se pauta pela racionalidade. Não se pode descartar a possibilidade de desistir da candidatura, mas dificilmente o fará como um derrotado por uma conspiração interna. O que pode levá-lo a isso é a articulação de um projeto mais amplo, da chamada terceira via, com a narrativa de que seu projeto não é pessoal.

Mamãe Falei

O deputado estadual Arthur do Val, o Mamãe Falei, sem partido, comunicou ontem que não concorrerá à reeleição. Já havia retirado a candidatura ao governo paulista e se desfilou do Podemos, tudo para evitar a possível cassação. Arthur do Val se deu mal porque viajou à Ucrânia e fez postagem ofensivas às mulheres ucranianas, que fugiam da guerra. Eleito no tsunami de 2018, na aba do chapéu do presidente Jair Bolsonaro, estava filiado ao Podemos havia apenas 30 dias.